

O nascimento da crônica (Machado de Assis) - Intervenções

Em preto: texto original

Em azul: intervenções

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se num suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue*; está começada a crônica.

Roque Tadeu Gui: Seja bem-vindo ao grupo, Assis! Seu primeiro parágrafo já um desafio aos que desconhecem o idioma francês, ou o compreende pouco, como é meu caso. Então fui lá saber o que é *la glace est rompue* !

la glace est rompue.

Se dit quand on entre en relation avec qqun qu'on ne connaissait pas, quand la confiance s'installe, quand on devient familier, quand on a entamé une conversation pour la première fois, quand le débat commence

Synonyme : parler, dire

Ou seja, o jogo começou! Aliás, foi mais ou menos o que fizemos com nossos testes iniciais! Não é mais ou menos isso, Dra. Vera?

Assis, você fala do início despretensioso da crônica! Começa de quase nada, coisas triviais, sem compromisso com profundidades... Talvez com as trivialidades do dia a dia.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão, Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimira; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naipe. Digo

que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Aqui, meu caro Assis, você expõe novamente minha ignorância! "Esdras", já ouvi falar, mas quem, por diabos, é? Agora, cara, a distinção que você faz de "capital" e "provincial", isto sim, é do peru, como costumamos dizer. Veja que no português contemporâneo mantivemos a palavra "capital" para dizer de algo elevado, tal como na expressão "importância capital", referindo-se a algo de grande valor. Já "provincial" não aparece mais em nossa linguagem corrente.

Vera Amaral: Eu não conhecia a expressão "andar baldo ao naipe". Fui procurar: 'baldo' significa que não tem cartas de algum naipe, logo, no contexto significa falta de algo. No caso, dinheiro. No paraíso não existia alfaiates, e mesmo que existissem, Adão não poderia pagá-los.

Inês Praxedes: Assisto a Assis assim escrever, com dicionário em punho, varrendo as telas do Google também para melhor compreendê-lo, Assis assim não as tinha. Minha cabeça aquecida, mas não quente, por dentro por Assis e por fora pelos quarenta e quatro graus que acusa o painel do meu carro novo nas ruas de São José do Rio Preto, terra quente! Cheia de vizinhas, comadres e conversas acaloradas sobre muros de quarenta graus. Assisto Assis sendo traduzido nas letras que brotam do teclado de dedos quentes de colegas não menos calorosos. Meu coração aquece. Meu apetite aumenta. Desejo de comer o fruto e criar a roupa para Adão.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma diria que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias

do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Stella Steinwascher: Origem, surgimento, nascimento, mas me pergunto será um início ou continuação de uma linha? Uma linha que talvez não tenha começo e nem fim. Uma linha que simplesmente entramos e temos a oportunidade de pertencer a uma história.

Fazendo parte desta linha-crônica-história, sinto-me preenchida e sou levada a resgatar quando entrei na linha das crônicas, por coincidência ou sincronicidade, foi num dia quente de verão, o calor de fora era o mesmo de dentro, escrevi com coração.

Roque Tadeu Gui: Ora, caro Assis, agora me vens com "debicar"? Somente eu não sei que verbo é esse? Vou lá me informar: Picar com o bico, comer ou provar em bocadinhos, escanecer; zombar. Você refere-se ao que hoje chamamos de "fofocas"?

A seguir, falas em "tropelias amatórias"? Volto a espanar minha ignorância: tropelia = desordem; confusão; tumulto. Falas, então, da confusão afetivo-sexual do vizinho. Fofoca, seu Assis, fofoca!

Esta é a origem da crônica: falar dos outros, sem muito compromisso com a completa veracidade dos fatos?

Que eu, sabedor ou conjetrador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Roque Tadeu Gui: Querido Assis, que és mestre no idioma materno sei plenamente, mas exageras nas palavras que desconheço: "prosápia", é linhagem, progênie, não é? Mas, e "quinzena" e "canícula"?

Parece que "quinzena" é quinzena mesmo (período de 15 dias), e "canícula", calor muito forte, tal como o período que vivemos exatamente nestes dias aqui em Brasília.

Camila Maciel Polônio: Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Que sol! Que calor! Absurdamente quente! Queixas, sensações intensas e, como negar que tais colocações não sejam apenas a porta de entrada para um diálogo? O calor aproxima! Graças a Eva o paraíso se foi e, com ele ganhamos a grandiosa aprendizagem do contato com todas as estações e temperaturas humanas.

Roque Tadeu Gui: Aí está, caro Assis, a virada de bife magistral! Você sai de um tema (o calor escaldante) para o tema de cada um ser mais feliz do que o outro!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, às nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

Então, caro Assis, as coisas não são tão descosturadas como podemos supor de sua fala, sua lenga lenga sobre o calor abrasante, da peladez de Adão, da língua ferina das vizinhas! Comove-lhe o fato de que os coveiros trabalham de sol a sol, enterrando os mortos. Boa essa vida dos que não precisam disso para viver e podem até mesmo suportar a "canícula" como gesto último de apreço ao defunto.

Adelaide Pimenta: Cada qual com sua alma a arder, vida e morte. De onde saem essa pobres criaturas que têm na lida diária a penosa tarefa de enviar os mortos para os braços de Hades? Quisera eu nem pensar nisso! Mas não! Penso neles, em suas pobres cabeças nuas, braços moídos das enxadas.

Camila Maciel Polônio: Talvez esses pobres homens com as cabeças expostas ao sol tenham uma relação com a natureza e o ser humano um pouco mais íntima. Vivem com o nascer do sol e o poente das almas.

Vera Amaral: Fico eu aqui imaginando as duas vizinhas sentadas à porta de casa, vendo a vida que passa, contando “os sucessos do dia”. Quanta coisa cabe nessa prosa. Nós mesmos, aqui, saímos do Paraíso, passamos pelo cemitério, refletimos sobre os homens curvados com suas enxadas, sofrendo o calor de um dia de verão. Quem foi que disse que, para ser universal, basta falar de sua aldeia? Tolstói, se não me engano.

Silvia Graubart.: Ou supor como Marshall McLuhan, uns 30 anos antes da invenção da Internet, que a vizinhança estaria não na porta ao lado, mas na ponta dos dedos? Não importa tempo, espaço, clima ou estação, meu caro Assis. Pra nos a aldeia sempre foi global. Que mundo estaríamos enterrando com as enxadas da imaginação?

Aurea Torres: Frequentemente, no exercício de meu ofício, um cliente entra no meu consultório falando do clima, de como faz calor ou de como a chuva está intensa ou da falta da mesma, ou ainda. sobre o trânsito engarrafado ou que está fluindo bem. Após algumas considerações sobre o assunto , quase sempre pergunto: “ E por falar em clima como está o clima de sua alma?”. Ou então: “ E o Trânsito de sua vida como vai?”. A partir daí, entramos na vida simbólica e podemos perceber a umidade das lágrimas, a secura da solidão, o fogo da alegria, o calor do aconchego. A alma criativa deixando trânsito livre para as ideias, emoções ou ainda a perplexidade diante do nada e a sensação do não movimento. Afinal, parece nunca acabar as metáforas do fazer alma. Desta forma vamos construindo as crônicas de tantos anônimos que nos rodeiam nessa aventura diária de nossa profissão.

Adelaide Pimenta: O dia mal começa e já vai longe. As orelhas atentas se movem buscando. Um ronronar sem fim! Que maravilha ser a gata, encostadinha no calor do regaço da dona. Olhos atentos seguem cada passo, quase dizendo: "e eu?". Também queria ficar aí, no aconchego dos lençóis, esperando mais um dia passar devagar, entre lambidas, cochilos e afagos.

Maria de Lourdes Bairão Sanchez: Mesmo na neblina da manhã o grande labrador chega do passeio de língua de fora, os olhos pedindo água e socorro, desamparado neste clima escaldante, tão pouco conhecido para seus poucos anos de vida! Ainda bem que a sabiá o acolhe esfuziante, cheia de canto para compartilhar!

Silvia Graubart: Nem tanto assim, amigo. Observando a redondeza posso afirmar que há quem zele pela fé! Senão, como explicar o capote negro e o chapéu de vison nesse calor de 34 graus? No *Yom Kipur*, o dia consagrado ao perdão pelos judeus, acredito que exista também quem zele pela transgressão.

Acaci Alcantara: Quem é o personagem desta crônica? O sol e suas emanções? Ele é quem deve ser personificado, pelo menos para mim é o que parece. Ele é o perene, permeia a crônica -do começo ao fim. Torra "os miolos" ontem no escrito e hoje na vida real, clamamos por um ar condicionado. É personagem das sessões de análise. É uma luz que se apresenta de forma devastadora. O que é feito dos processos que precisam de pouca luz e humidade?

Será que você, caro Machado, já aludia sobre os novos tempos onde o que tem valor é o brilha na luz escaldante? Algo que não se suporta mas, diante do qual ainda se é despreparado para enfrentar, nos apresentamos de casaca sob um calor insuportável. Quem morreu? A capacidade de nos indignarmos e procurarmos abrigo da luz cegante do mundo. Ainda bem que o consultório do analista pode ser um abrigo.

Silvia Graubart: Posso te fazer um convite, Assis? Vamos pra onde o sol se espraia, lambendo nossos corpos ... Vamos deixar essa pompa toda e a erudição de lado, arrancar esse traje engomado, e mergulhar ate sentir que salgamos nossas feridas de alma e ja e possível regenerar nossas ideias? Vem comigo...

Maria de Lourdes Bairão Sanchez: M. Assis ! *La glace n'est pas encore rompue pour moi!* Estou tentando me distanciar, atravessar o Atlântico, usando meu lenço de *chiffon* para melhorar minha aparência tupiniquim e ser aceita neste mundo mais requintado, repleto de casacas que escondem nossa espontaneidade e também nosso eu profundo.

Sílvio Peres: Casacas à parte, uma vez que casimira é para o inverno, o melhor é estarmos como nos expomos, na nudez da alma, que festeja e se dilata no calor do verbo

arejado, aerado, ventila o véu da persona, que anseia a lufada que preenche nossas velas para evitar o tûmulo, mas avançar no mar desconhecido e não preciso.

Adelaide Pimenta: Ah, navegar! Soltar lastros, amarras, fluir na língua e na palavra... Singrar mares de adjetivos e interjeições! Golfadas de ar de inspirações e deleites. Avante! Poesia, aí vamos nós!

Roque Tadeu Gui: Em tempo, caro Assis. Devo lhe dizer que me antecipei a você na intuição sobre o início trivial das crônicas. Explico-me. Digo que me antecipei porque minha intuição foi virgem, diante das suas considerações literárias ancestrais e amadurecidas. Há cerca de um ano, provocado por um amigo, escrevi uma crônica. Ora, eu não sabia que escrevia crônicas! Soube depois que a escrevi! Envio-lhe o link:

<http://www.saladosmedicos.com.br/sem-categoria/cronica-de-uma-cronica/>

Eu não conhecia seu texto, somente identificado (e, curiosamente, por mim) diante do desafio de começarmos os trabalhos do Departamento de Literatura da AJB. Em minha ignorância escrevi "Crônica de uma crônica", falando sobre como se começa uma crônica falando de quase nada, mas concluindo com o que chamo de "a virada do bife", a ideia que emerge ao final. O tema de início foi o calor escaldante de Brasília, a /canícula/, como você preferiria dizer, do mês de setembro de 2014. Bom, essa crônica tem a vantagem de não ser datada: servirá para todo o sempre! Seria isso a tal "sincronicidade", meu caro Assis? Algo em mim sabia que um dia estaríamos conversando a respeito de seu texto?

Adelaide Pimenta: Ótima "Crônica de uma crônica", gestado em Brasília! Parabéns, Roque cronista!